

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	16.01.1974
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

NOTÁVEL DOCUMENTO POLÍTICO REDIGIDO COM EQUILÍBRIO «TÁCTICO»

WASHINGTON, 18. — Em menos de uma hora, Costa Gomes percorreu ontem muitos anos de história, ao enfrentar, na mesma sala onde tantas vezes Portugal foi hostilizado (saindo cabisbaixo pela porta das traceiras), uma assembleia que lhe abriu os braços e o aplaudiu de pé.

«O meu país tem uma história longa, de mais de oito séculos — recordo intencionalmente Costa Gomes, logo no início do seu discurso histórico

para o comentar, com o relevo e a minúcia que a sua importância justifica.

Depois de almoçar ontem com o embaixador Veiga Simão em Nova Iorque e de receber o Corpo Diplomático e deputações de comunistas portugueses radicados nos Estados Unidos, o Presidente Costa Gomes viajou para Washington ao encontro de outra significativa etapa, que o leva a estar hoje com Gerald Ford, num encontro a que apenas assistirão o ministro Mário

justa no seu preço financeiro e político. Esperamos dela essa atitude amiga».

Nesse âmbito, e ainda que, como assinalámos, a Base das Lajes não deva revestir-se de um aspecto básico no encontro, será natural que a oportunidade de celebrar uma platéia de princípio não venha a perder-se, visto que não tem sido omitido o interesse de Portugal em retirar benefícios práticos da concessão de facilidades naquela base.

sulta», outro tanto sucedendo — disse — em relação a Cabo Verde.

A propósito de Cabo Verde, o ministro Mário Soares aludiu a «certas reclamações» por parte do P. A. I. G. C., dizendo que não lhe parecem «ser razoáveis» na medida em que «nós estamos a cumprir fielmente os acordos de Argel. Isto é, prepara-se uma consulta à população de Cabo Verde sobre qual deseja ser o seu futuro, «na qual damos possibilidade a todos e se exprimem livremente, e não exerceremos nenhuma pressão sobre nenhum partido em presença».

Sobre Timor, «estão a fazer-se negociações e a ouvir países interessados, como sejam a Indonésia e como sejam a Austrália, no sentido de se organizar, também, uma consulta à população».

Focados estes pontos, Mário Soares informou o grupo do descejo do Governo português de normalizar rapidamente as relações diplomáticas com todos os países africanos. Até agora, porém, esses esforços têm sido retardados por uma resolução aprovada na O. U. A. que impede aqueles países de aceitarem a aproximação com Portugal, antes de terminar o processo de descolonização.

O ministro dos Negócios Estrangeiros manifestou, no entanto, a sua convicção de que o exemplo de alguns países africanos, como o Senegal, a Tunísia, o Ghana e a Costa do Marfim, que já restabeleceram os seus contactos com Portugal, venha a ser seguido pelos restantes, sobretudo a partir da próxima Assembleia Ministerial da O. U. A., marcada para Fevereiro, a qual, na opinião de Mário Soares, deverá marcar o termo dessa hostilidade.

Por

DINIS DE ABREU

(Enviado especial
do «Diário Popular»)

perante a Assembleia Geral das Nações Unidas — e não nos será difícil perdoar a memória do último meio século, orientado por homens que não souberam sintonizar os seus ideais com a alma colectiva do povo a que pertencem».

Não será este o momento mais oportuno para proceder à análise do texto do primeiro discurso proferido por um Chefe de Estado português na O. N. U. que constituiu, como prevíamos um notável documento político, redigido com um equilíbrio «táctico» que não passou despercebido aos observadores. Os acontecimentos estão demasiado frescos, para que hoje, em Washington, quando Costa Gomes é hóspede da Casa Branca, a convite de Gerald Ford, o jornalista possa encontrar a frieza bastante

Soares e o secretário de Estado Henry Kissinger, com quem o Chefe do Estado português almoça em seguida.

Presume-se que na conferência com Gerald Ford sejam abordados diversos pontos que interessam as relações bilaterais entre Portugal e os Estados Unidos, não sendo de estranhar que os problemas de natureza económica ocupem predominantemente o encontro entre os dois estadistas. Aliás, no discurso de ontem perante a Assembleia da O. N. U., Costa Gomes não escondeu que «a situação pré-democrática em que vivemos tem importantes dificuldades económicas e financeiras que melhor serão vencidas se os países democráticos do mundo se dispuserem a uma solidariedade material e moral, rápida, fraterna e

Mário Soares com o grupo africano

Entretanto, o ministro Mário Soares avistou-se, ainda em Nova Iorque, com os representantes do grupo africano, numa reunião convocada originalmente para tratar de assuntos respeitantes a todos os Estados africanos.

Nela, Mário Soares fez uma exposição acerca da política de descolonização do Governo português, «mostrando em primeiro lugar que já não existe nenhuma guerra colonial em Portugal», como referiu o ministro dos Negócios Estrangeiros numa conversa informal que manteve com os jornalistas integrados na comitiva presidencial, a bordo do avião que nos conduzia a Washington.

Em relação a Angola, Mário Soares expôs o princípio de que o caminho a seguir deverá ser o de criar um governo de transição com representantes de todos os Movimentos, competindo a esse governo a preparação de uma consulta «que poderá não ter necessariamente a forma de um referendo».

Sobre São Tomé e Príncipe, Mário Soares indicou ao grupo africano a intenção de criar também um governo «que funcione junto do governador para preparar igualmente uma con-